



20

*Riscos, População e Segurança*

## NOTA DE ABERTURA

Nem sempre os riscos se manifestam originando catástrofes, isto é, originando um grande número de vítimas mortais. Por vezes, todavia, mesmo sem causarem mortos, originam prejuízos de tal dimensão que quase fica legitimada a designação de catástrofe. André DAUPHINÉ (*Risques et Catastrophes*. Paris, Colin, 2001) seguiu esta linha de raciocínio e a *Territorium*, com alguma frequência, tem analisado situações que o provam.

Vem isto a propósito de um caso que encheu páginas de jornais e ocupou muito tempo de informação televisiva durante a segunda metade de fevereiro de 2013 - a explosão, no dia 15 desse mês, de um meteorito sobre a cidade russa de Chelyabinski, situada nos Montes Urais. Com mais de um milhão de habitantes, a cidade teve acima de 1200 feridos e viu cerca de 3000 prédios danificados. Na região, para um total de seis cidades atingidas pela onda de choque, contaram-se à volta de 1500 feridos e de 7200 prédios danificados. Lucien FAUGÈRES referira-se a 35 tipos de riscos relacionados com os sistemas naturais, mas não incluiu riscos cósmicos (“La dimension des faits et la théorie du risque”, *Le Risque et la Crise*. Malta, Foundation for International Studies, 1990). Keith SMITH, também não (*Environmental Hazards*. London, Routledge, 1991). Seis anos depois, Ernest ZEBROWSKI, no seu livro *Perils of a Restless Planet. Scientific Perspectives on Natural Disasters* (Cambridge, Cambridge University Press, 1997) já os referiu num capítulo intitulado “Volcanoes and Asteroid Impacts”. Debruçando-se sobre manifestações de riscos de grandes proporções - “disasters” -, ZEBROWSKI apresentou um quadro com a lista das crateras com mais de 40 km de diâmetro provocadas pela queda de meteoritos. Desenvolveu o tema com alguns pequenos casos conhecidos, mas principalmente com grandes casos célebres na História da Terra. Foi mesmo até ao ponto de quantificar o risco de morte pela queda de meteoritos (1 morte em 20000), superior à da ocorrência de uma erupção vulcânica (1 em 30000), colocando-o muito perto dos furacões nos Estados Unidos da América (1 em 25000). No entanto, o risco de explosão de um meteorito em plena atmosfera, desencadeando uma luz intensa e uma onda de choque semelhante ao efeito de uma bomba atômica, merece apenas uma rápida referência - trata-se do caso de Tunguska, na Sibéria, ocorrido a 30 de junho de 1908, sem notícia de feridos, mas com a destruição de uma grande área florestal, que lhe deu a dimensão de uma catástrofe económica e ambiental. Se em Chelyabinski a explosão, como se pensa, aconteceu a 23,3 Km de altitude, em Tunguska poderá ter ocorrido entre os 5 e os 10 Km.

No respeitante a terramotos registados entre janeiro e novembro de 2013, também merece comparação o caso do de Okhotsk, na Rússia (24 de maio), o de maior magnitude (8,4), sem vítimas mortais, com o de Awaran, no Paquistão (24 de setembro), de magnitude inferior (7,8) que matou 825 pessoas, revelando-se uma catástrofe humana.

Ainda outro exemplo de uma manifestação de riscos, esta, indubitavelmente, de características catastróficas correspondeu ao tufão Hayan que atingiu as Filipinas no dia 8 de novembro. Apresentado, desde as primeiras notícias, como um supertufão, o mais violento tufão do ano, com ventos de velocidade superior a 200 Km/h (falou-se de 230, com rajadas de 315) começou, nas primeiras notícias, por ser considerado responsável por 3 mortos, logo a seguir por 100 e três dias depois por mais de 10000 mortos. Passada uma semana, acabou por ser salientado mais pela devastação de aldeias e pela destruição de todos os meios de subsistência para os sobreviventes, descendo o balanço de mortos para perto de 5000 pessoas.

Lembrar todas estas manifestações de riscos é colocar um problema que cada vez é mais estudado no âmbito dos riscos e das crises, sejam elas catástrofes ou não - a importância relativa dos dois principais componentes da definição de risco, segundo a definição de André DAUPHINÉ (2001), o “*hazard*” (processo potencialmente perigoso) e a vulnerabilidade. No presente número da *Territorium*, apesar da variedade temática, encontram-se artigos que equacionam a relação entre esses dois componentes.



